

ECONOMIA

Petróleo bate novos recordes

Preço do barril sobe 3,9%. Governo fará sacrifício fiscal para não reajustar combustível de novo

NOVA YORK e BRASÍLIA

O petróleo teve mais um dia de cotações recordes ontem nos mercados internacionais e o barril chegou perto de US\$ 35. Foi um dos maiores níveis desde a Guerra do Golfo, há dez anos. Novamente, o estopim da alta foi o temor dos mercados de que os grandes produtores não aumentarão a oferta mundial o bastante para atender à demanda, que tende a crescer ainda mais com a chegada do inverno no Hemisfério Norte.

Em Brasília, o Governo se declarou disposto a fazer um novo sacrifício na área fiscal e não aumentar os preços dos combustíveis novamente, para absorver a alta dos preços do petróleo, segundo o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier. A equipe econômica já não conta nem mesmo com a nova estimativa de superávit anunciada em julho deste ano, de R\$ 800 milhões. E, por isso, procura alternativas para compensar essa frustração de receitas e cumprir a meta de superávit para 2000.

Até julho, a conta petróleo apresentava déficit de R\$ 545 milhões, contra um superávit de R\$ 2,1 bilhões no mesmo período de 1999.

Opep vai decidir aumento no domingo

Em Londres e Nova York, o preço do barril deu um salto de até 3,9% nos contratos futuros. O do tipo Brent, para outubro, ganhou US\$ 1,30 e fechou o dia em US\$ 34,28, enquanto que o do tipo leve — referência nos Estados Unidos — subiu US\$ 1,07 (3,2%) e chegou a US\$ 34,90.

Para se dar uma ideia, esse foi o maior valor desde novembro de 90, quando o Iraque invadiu o Kuwait, e se aproxima do recorde absoluto de US\$ 41,15, de outubro daquele ano. Desde janeiro do ano passado, as cotações subiram 227%.

O resultado de ontem se deveu em parte à especulação, às vésperas da reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), no domingo. A maioria dos operadores aposta que o cartel vai aumentar sua produção em 500 mil barris diários. No entanto, isso pode ser insuficiente para compensar a demanda do mercado e recuperar os estoques que, no caso dos EUA, estão nos menores níveis em 24 anos.

Na queda-de-braço entre produtores e consumidores, o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, deveria se reunir ontem com o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Abdullah Bin Abdul Aziz, para pressioná-lo a defender uma maior oferta diante de seus sócios da Opep. Os EUA querem o barril na faixa de US\$ 25 para não afetar seu crescimento.

Conheça a evolução dos preços do barril

A ESCALADA DAS COTAÇÕES



Varição de preços entre janeiro de 1999 e agosto de 2000

Barril de petróleo no mercado internacional	Gasolina nas refinarias	Gasolina para o consumidor	Inflação média pelo IPC-Fipe no período
227%	97%	91,93%	12,84%

Fonte: Banco Solutem/Tip

O EFEITO SOBRE AS CONTAS DO GOVERNO

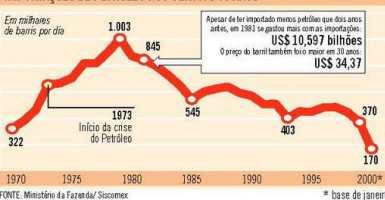
O aumento dos preços do petróleo no exterior tem impacto direto nas contas do Tesouro. A Parcela de Preço Específica (PPE), uma espécie de tributo aplicado sobre a venda de combustíveis, contabilizada como superávit primário, é usada para que o repasse do reajuste para os consumidores não seja na mesma proporção do aumento do barril do petróleo, nem no mesmo momento.

Com isso, quanto maior o preço internacional, maior o desembolso da PPE. Quando o Tesouro assumiu a conta petróleo, que tinha as mesmas funções da PPE e era bancada pela Petrobras, a cotação do petróleo estava muito baixa, o que significou um superávit nas contas públicas. Este ano, o Governo havia projetado um superávit de R\$ 3,5 bilhões com a PPE, mas com o aumento do petróleo, reduziu em julho a expectativa para R\$ 800 milhões.

Numa palestra para empresários em Nova York, ontem, o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Abdullah Bin Abdul Aziz, disse que os países ricos também têm que contribuir para equilibrar o mercado. Ele sugeriu um corte nos impostos desses países para reduzir os preços internos dos combustíveis.



IMPORTAÇÕES DE PETRÓLEO NOS ÚLTIMOS 30 ANOS



Fipe: reajuste pode ser inevitável

Se preço subir mais, fundação recomenda novo repasse este ano

Marcelo Rehder, Raul Piliati, Vivian Oswald e Shirley Emerick

• SÃO PAULO e BRASÍLIA. Caso o preço internacional do petróleo não se estabilize nas próximas semanas, economistas e empresários acreditam que será inevitável um novo reajuste nos preços da gasolina. Mas a expectativa é de que ele só entraria em vigor no fim do ano. O momento, segundo o coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe, Heron do Carmo, é inadequado, devido ao salto da inflação nos últimos dois meses, coincidindo com aumentos de tarifas, combustíveis e preços dos alimentos.

— O Governo deve autorizar reajustes dos combustíveis em dezembro, para não deixar resíduos para 2001, que poderiam pressionar a meta de inflação de 4% acertada com o FMI — diz Carmo.

Os derivados de petróleo (gasolina, diesel, gás de botijão e canalizado) têm peso de 3,43% na inflação medida em São Paulo pelo IPC da Fipe. Um reajuste de 10% nos preços

desses produtos teria um impacto de 0,33 ponto percentual no índice. O último reajuste, de 15% em média para as refinarias, foi em julho.

Conforme um analista da área de petróleo e petroquímica, desde janeiro de 1999 o Governo deu reajuste médio de 97% para as refinarias. O preço da gasolina nos postos subiu em média 91,93% nesse período, diz a pesquisa do IPC-Fipe.

Perspectiva de lucro das estatais pode melhorar superávit primário

O presidente do Sincopetro-SP — sindicato dos postos de combustíveis de São Paulo — José Alberto Paiva Gouveia, diz que o Governo ainda não mostrou qualquer intenção de reajustar novamente o preço da gasolina. Segundo ele, o consumo caiu quase 10% depois do último aumento.

Segundo o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, a equipe econômica ainda não reviu o cálculo para a conta petróleo e várias projeções estão sendo feitas. Todas as análises com que o

Governo trabalhava, de queda nos preços, falharam.

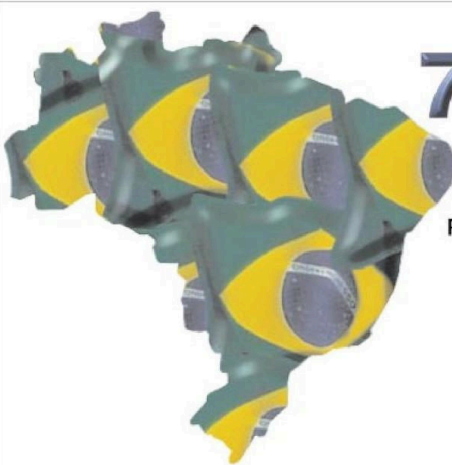
— O mercado está muito volátil e resistindo à redução esperada. Isso está associado aos estoques (mundiais) e à entrada do inverno no Hemisfério Norte — alertou.

As perspectivas de lucro das estatais são o principal motivo da confiança do Governo de que a meta de superávit primário para este ano será cumprida. Bier disse que a opção de garantir o cumprimento da meta de inflação, mesmo exigindo maior esforço fiscal, foi tomada em julho, quando o Governo reduziu de R\$ 3,5 bilhões para R\$ 800 milhões a expectativa de superávit na conta petróleo.

— A proporção agora é menor. Uma coisa é passar de R\$ 3,5 bilhões para R\$ 800 milhões e outra coisa é para menos que isso. Decidimos não perseguir a receita prevista inicialmente para a conta petróleo, de R\$ 3,5 bilhões, e trabalhar com um número bastante inferior, porque considerávamos que o aumento de preços seria excessivo para o consumidor — disse.

Especulação precede reuniões da Opep

• Desde que as cotações internacionais do petróleo atingiram em 1998 os níveis mais baixos em 12 anos — menos de US\$ 10 — as reuniões da Opep têm sido cercadas de movimentos especulativos que causam variações abruptas no preço do produto. Essa volatilidade se acentuou depois que o cartel decidiu, em março daquele ano, cortar em dois milhões de barris a produção diária de 27,5 milhões, o que elevou o preço em 14%, para mais de US\$ 15 (no início de 98 estava em US\$ 12). Isso se repetiria em 99. O brando inverno do Hemisfério Norte inchou estoques, e o refluxo das cotações levaria a novo corte. Com a oferta de menos 1,7 milhão de barris/dia, a cotação pulou para quase US\$ 20. Este ano, o preço do barril furou a marca dos US\$ 30, nível recorde desde a Guerra do Golfo, em 90.



7 de setembro

Pegue sua bandeira e participe da grande festa da Independência.



